



# *HERMÍNIA MIRYAM, A PAIXÃO DE EROS:*

**um artifício dramaturgico para  
difusão da história da fundação  
da Escola de Teatro da UFBA**

**JONES OLIVEIRA MOTA**

**Professor, ator, dramaturgo,  
encenador e produtor cultural.  
Doutor em Artes Cênicas pelo  
Programa de Pós-Graduação em  
Artes Cênicas da Universidade  
Federal da Bahia - PPGAC UFBA.  
Professor-tutor da Licenciatura  
em Teatro EAD da UFBA.**

## RESUMO

O ensaio contém o relato descritivo de uma experiência artística que homenageia Martim Gonçalves, a fundação da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (ETUFBA), bem como o texto dramático que serviu de base à encenação. O esquete *Hermínia Miryam, a paixão de Eros* é um exercício dramático contemporâneo que transcende às diferenças históricas por meio da ficcionalização de um romance impossível. Seu maior objetivo é expor ao público a necessidade de se conhecer a história do teatro brasileiro, tanto para valorização da cultura nacional, quanto para a instrumentalização das lutas por novas formas de estudá-la, registrá-la e contá-la hoje, como têm feito as ciências humanas nos estudos da decolonialidade, da história do tempo presente e, em consonância com esta dramaturgia, do Teatro de Revista Contemporâneo. Nesse sentido, cria-se um artifício dramático como estratégia de geração de interesse no público e de inclusão dos conteúdos historiográficos mais relevantes sobre a fundação da Escola de Teatro e sobre o Teatro de Revista brasileiro, na década de 1950.

## PALAVRAS-CHAVE:

Dramaturgia. História do teatro brasileiro. Escola de Teatro da UFBA. Teatro de Revista brasileiro. Martim Gonçalves.

## **HERMÍNIA MIRYAM, A PAIXÃO DE EROS: a dramaturgical device to disseminate of the foundation of the School of Theater of the Federal University of Bahia**

### ABSTRACT

*The essay contains the descriptive report of an artistic experience that pays homage to Martim Gonçalves, the foundation of the Drama School of Federal University of Bahia [Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (ETUFBA)], as well as the dramaturgical text on which the staging has been based. The sketch Herminia Miryam, the passion of Eros is a contemporary dramaturgical exercise that transcends historical differences through the fictionalization of an impossible romance. Its main objective is to expose to the public the necessity of knowing the History of Brazilian theatre, both for the appreciation of national culture, and for the instrumentalization of movements for new ways of studying it, recording it and telling it today, as made by human sciences in the studies of decoloniality, of the history of present times and, in accordance to this dramaturgy, of Contemporary Revue Theatre. In this sense, such a dramaturgical device is created as a strategy to generate interest in the public and to include the most relevant historiographical contents on the foundation of the School of Theater of the Federal University of Bahia and on the Brazilian Revue Theatre in the 1950s.*

### KEYWORDS:

*Dramaturgy. History of Brazilian theatre. School of Theater of the UFBA. Brazilian Revue Theatre. Martim Gonçalves.*



**IMAGEM 1**  
Liz Novais como  
Hermínia Miryam.  
Fotógrafa: Izabella  
Valverde, 2013



# O ARTIFÍCIO DRAMATÚRGICO PARA DIFUSÃO DA HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO DA ESCOLA DE TEATRO DA UFBA

O esquete *Hermínia Miryam, a paixão de Eros* foi criado para o evento *Saladistar no Ato – Ano III*, em 2013, que era uma ocupação do Ato de 4, projeto de extensão vinculado à Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia – ETUFBA,<sup>1</sup> com esquetes produzidos pelos artistas do Coletivo Saladistar.<sup>2</sup>

O projeto foi realizado em agosto de 2013, às segundas-feiras, 19 horas, na Sala Preta da ETUFBA. O mote da 3ª edição da ocupação do *Saladistar no Ato* foi o marco dos 40 anos de morte de Eros Martim Gonçalves (1919-1973), fundador da Escola de Teatro. Cada esquete era uma dedicatória dos encenadores Amanda Maia, Jonatas Pinheiro, Jones Mota e Marcus Lobo à memória de Martim.

Após a temporada de quatro sessões, o esquete foi selecionado para compor a programação do III Festival Curta Cena de Teatro, idealizado pela atriz Mariana Moreno e realizado pela Baú Produções Artísticas. O festival, que consistiu numa mostra competitiva de esquetes oriundos de Salvador e Região Metropolitana, com apresentações no mês de abril de 2014 no Espaço Xisto Bahia,<sup>3</sup> foi financiado pelo Fundo de Cultura do Estado da Bahia e teve na comissão julgadora os artistas-pesquisadores Evelin Buchegger, Hebe Alves e João Sanches.

---

**1** Realizado desde 1996, é uma mostra mensal gratuita composta por quatro esquetes criadas e produzidas por estudantes.

---

**2** Coletivo fundado em 2007 por artistas cênicos egressos da ETUFBA.

---

**3** Localizado no subsolo da Biblioteca Central do Estado da Bahia, Barris, Salvador-BA.



Dentre os quinze esquetes concorrentes, *Hermínia Miryam, a paixão de Eros* foi premiado na categoria Melhor Texto. Além de troféu e de prêmio em dinheiro, os quatro esquetes em destaque foram convidados a compor uma edição especial do projeto *Quatro por Quarta*,<sup>4</sup> realizado pelo Teatro Gamboa Nova, em Salvador-BA, sempre às quartas-feiras, 20 horas, no mês de junho de 2014.

A trajetória desta montagem teve fim na programação do projeto *Verão Cênico*, realizado pela Fundação Cultural do Estado da Bahia – FUNCEB, nos dias 2 e 6 de dezembro de 2014, às 20 horas, no Cine Teatro Solar Boa Vista, em Salvador-BA, e na Casa Anísio Teixeira, em Caetité-BA, respectivamente.

O processo de escrita de *Hermínia Miryam, a paixão de Eros* se deu a partir da necessidade e da urgência de encenar uma carta a Martim para atender ao objetivo de ocupação do Ato de 4 pelo Coletivo Saladistar. Apesar do tempo curto para criação, montagem e produção, uma pesquisa prévia foi realizada no intuito de evitar equívocos acerca dos fatos históricos a respeito da atuação do homenageado no processo de criação da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia.

O texto, que imbrica ficção e história, privilegia o formato épico, dando luz a uma protagonista inventada, mas historicamente viável no contexto dos anos 1950, como informa a sinopse do esquete:

Inspirado na estética do Teatro de Revista brasileiro dos anos 1950, o espetáculo épico revela a trajetória da paixão entre a vedete Hermínia Miryam e Eros Martim Gonçalves, no contexto da criação da Escola de Teatro da UFBA. História e ficção se misturam através de falas, leituras de cartas e músicas interpretadas pela personagem. (FUNCEB, 2014)

Na ficção, Hermínia Miryam trabalha no Teatro Recreio como estrela da Companhia Walter Pinto, a mais famosa da praça Tiradentes, o grande centro de difusão do Teatro de Revista no Rio de Janeiro em meados do século XX. A vedete viveu o auge da fase histórica chamada de Revista Show. “No início da década de 1950 as boates, casas de festa, clubes e bares são os novos espaços de trabalho para os artistas do Teatro de Revista, agora mais focado na música, nos efeitos visuais e no erotismo do que no texto e na crítica política.” (MOTA, 2020, p. 173)

---

<sup>4</sup> Tem o mesmo formato do Ato de Quatro, mas acontece às quartas-feiras, num teatro privado subvencionado pelo Estado.



Apesar de o texto ser um monólogo, toda a ação cênica se dá a partir das cartas fictícias enviadas de Martim para Hermínia. As cartas remetem ao processo de fundação da ETUFBA, resumindo e transportando para a primeira pessoa do singular informações disponíveis no livro *Impressões modernas: teatro e jornalismo na Bahia*, de autoria da pesquisadora Jussilene Santana (2009).

A estrutura do texto se inicia com a apresentação da personagem e de sua relação amorosa com Eros, ambas ficcionais e que servem de artifício para a criação de uma situação propícia à inclusão do conteúdo historiográfico.

As cartas são o único e frágil elo entre as personagens, gerando tensões que se desdobram em escapes cômicos, cenas musicais e leituras sentimentais. A interpretação das cartas em ordem cronológica cria os ganchos e as justificativas dramáticas para inclusão dos elementos cômicos e musicais.

Todas as canções selecionadas são de autoria de compositores nacionais e datam da década de 50. Os critérios de escolha incluíram a popularidade das canções (muitas são conhecidas até hoje), a coerência entre suas letras e melodias e o desencadeamento da narrativa, propiciando a criação de atmosferas que gerassem efeitos específicos no público, como nostalgia, euforia, alegria, tristeza etc.



#### IMAGEM 2

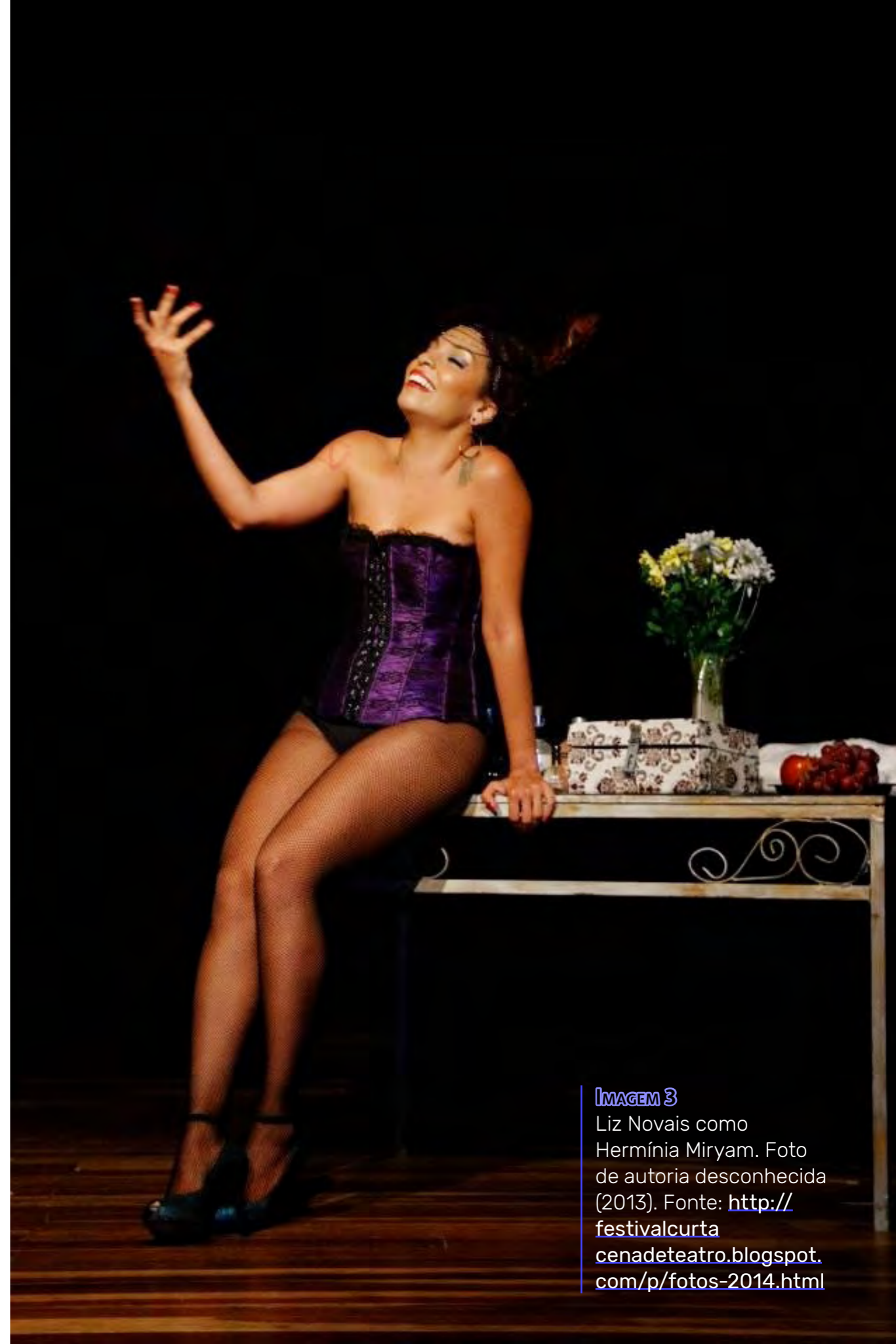
Liz Novais como Hermínia Miryam.  
Fotógrafa: Izabella Valverde, 2013



A cenografia denotava o palco e o camarim de um teatro, lugares ideais para o desenvolvimento da narrativa, já que os/as trabalhadores/as das grandes companhias de Teatro de Revista costumavam ter jornadas exaustivas. Era comum haver múltiplas sessões diárias dos espetáculos em cartaz – que se repetiam de 3 a 5 dias por semana, à noite. Durante o dia os novos espetáculos eram montados porque as companhias trocavam de repertório com enorme frequência para incluir as novidades (fatos nacionais e internacionais, tecnologias, modas etc.) e fidelizar o público. O ritmo da produção era tão frenético que é plausível compreender o edifício teatral como espaço de vivência e socialização diária, uma segunda casa para as/os trabalhadoras/es dos empreendimentos revisteiros.

O público, principal mantenedor das produções que dependiam de bilheteria, também se torna personagem do esquete quando Hermínia desce do palco e interage com ele – numa referência direta aos quadros de plateia, recurso dramático característico do Teatro de Revista. No entanto, a descida da personagem não pressupõe a quebra da quarta parede pelo simples fato de esta nunca ter sido construída.

O público é confidente da protagonista do início ao fim do esquete. É para o público que ela narra e revive os acontecimentos, tornando-o conscientemente seu destinatário direto. Por essa razão que se tem no épico a inspiração para a dramaturgia – o que se torna mais evidente com o efeito de distanciamento provocado pela última réplica do texto.



#### IMAGEM 3

Liz Novais como Hermínia Miryam. Foto de autoria desconhecida (2013). Fonte: <http://festivalcurta.cenadeteatro.blogspot.com/p/fotos-2014.html>



A interpretação da atriz e cantora Liz Novais, dirigida por Daniel Moreno, se inspirou nos estilos corporais e vocais típicos das vedetes dos anos 50 a partir do estudo de registros audiovisuais e fotográficos e do imaginário popular construído acerca dessas estrelas do passado. O luxo, a sensualidade e a elegância foram as chaves para a fisicalização da personagem.

Da mesma fonte bebeu a encenação, que materializou no palco o essencial, trazendo à cena apenas os elementos mais significativos para o desenvolvimento da dramaturgia. Assim se viam o globo de espelhos, remetendo aos recursos visuais “modernos” trazidos do exterior, uma penteadeira, um porta-joias, onde estavam guardados as cartas e o colar de pérolas (presenteado por Martim), e um ou mais jarros com as flores oferecidas pelos admiradores da plateia.

A mesma lógica essencialista se deu no visual da personagem, que priorizou no figurino, no cabelo e na maquiagem os elementos marcantes da estética da fase da *Revista Show*: maiô, meia-calça fina, salto-alto, adorno de cabeça e outros adereços que reforçassem a imagem luxuosa, sensual e elegante da vedete. A composição do visual da personagem foi realizada pela própria atriz, bem como a preparação vocal e a direção musical do esquete.

A trilha sonora, a cenografia e a iluminação foram assinadas pelo também dramaturgo e encenador Jones Mota. A trilha, assim como os outros elementos cênicos, foi pensada com atenção para condizer com a época, evitando possíveis anacronismos.<sup>5</sup>

A dramaturgia e a encenação se destinavam ao público adulto em geral, de preferência leigos a respeito da história da fundação da ETUFBA e do Teatro de Revista no Brasil. Público facilmente encontrado, inclusive em meio acadêmico. Assim, o problema do desconhecimento da história pelo grande público se tornou parte fundamental do artifício dramático elaborado justamente para denunciá-lo.

O artifício é tornar verossímil uma relação amorosa entre a fictícia vedete carioca Hermínia Miryam e o cenógrafo, encenador e professor pernambucano Eros Martim Gonçalves (1919-1973), fazendo do suposto romance uma estratégia de geração de interesse no público e de inclusão dos conteúdos historiográficos mais relevantes sobre a criação da ETUFBA.

---

**5** Vale ressaltar que o enredo do esquete se passa num tempo histórico posterior aos acontecimentos narrados. Dessa forma, canções e outras referências que datem até a década de 70 podem ser utilizadas sem incorrer em anacronismo.





O cânone literário e o apelo das telenovelas (e de outras formas melodramáticas) evidenciam a popularidade das histórias de amor, ao passo que o estudo da história fica limitado a determinados círculos, principalmente em centros acadêmicos. Ambas as compreensões advêm dos mecanismos de controle articulados pelas classes dominantes, que veem o entretenimento como meio propício para propagação das suas ideologias às massas e o estudo da história como ação perigosa, já que a compreensão crítica de sua condição social poderia levar a revoltas populares.

Numa sociedade marcada pelo patriarcado e pela colonização, o romance fictício foi facilmente aceito pelo público em todas as apresentações, pois, quando Hermínia revela para o público que sua existência não passa de uma ficção, sendo parte de um artifício dramatúrgico para contar a história da criação da ETUFBA e do Teatro de Revista na década de 50, as reações observadas no público eram sempre de surpresa.



**IMAGEM 4**  
Liz Novais como  
Hermínia Miryam.  
Fotógrafa: Izabella  
Valverde, 2013



Dessa forma, por um lado, o romance viabilizou uma relação de cumplicidade entre Hermínia e o público – mantida pelo tom de segredo empregado, pelas demonstrações de afeto e pelos romances de ciúme da personagem. Por outro lado, a aceitação imediata da narrativa pelo público revela o quanto este está condicionado às ideologias homogeneizantes, como a heterossexualidade compulsória, exemplo que muito nos interessa. (GONZAGA, 2019)

A discussão sobre a orientação sexual de Eros Martim Gonçalves aparece na tese *Martim Gonçalves: uma escola de teatro contra a província* (2011), de autoria de Jussilene Santana, maior referência em relação à biografia desse importante profissional, para revelar como o preconceito daquela sociedade servia de argumento moralizante nas tentativas de macular a reputação de Martim, principalmente por meio de publicações em jornais.

Ao chegar na Bahia, jovem e bonito, é muito provável que Martim Gonçalves, também por isso, para além do poder administrativo e da inteligência notória, tenha atraído a atenção e a boa vontade de terceiros, aparecendo talvez mesmo como ‘um prêmio’, como um tipo de ‘carne nova’. Contudo, ao se revelar, pelo comportamento, ‘uma outra espécie de homossexual’, homem discreto, porém não-casado, com uma mentalidade muito diferente dos homossexuais locais, ou protegidos por uma vida dupla ou ‘reconhecidamente afetados’, como dão a entender as narrativas de Glauber Rocha e Helena Ignez já descritas acima, é muito provável que esse não envolvimento, essa não mistura, também tenha contribuído para a construção da imagem de isolado, alheio, superior que acompanha a persona pública de Martim Gonçalves. Essa rejeição pessoal sentida por aqueles que se achavam pretendentes poderia ser isolada da rejeição maior e mesmo pelo ódio profundamente devotados ao diretor? (SANTANA, 2011, p. 438)

Uma relação amorosa entre Eros e uma vedete é improvável não só por questões de sexualidade, mas também artístico-estéticas, já que não encontramos na bibliografia estudada afirmações que demonstrem interesse pessoal de Martim pelo Teatro de Revista, tanto como artista-pesquisador quanto como espectador.



O desinteresse pode estar associado à oposição histórica entre o teatro praticado pelos que hoje podem ser vistos como “renovadores modernos” e o teatro da “velha guarda” – oposição alimentada por grande parte da classe artística, principalmente daquela oriunda das elites econômicas e culturais que podiam subsidiar suas práticas e experimentações sem depender de bilheteria.

É possível que, além do desinteresse pela revista, houvesse críticas à sua tradição, como afirma Glauber Rocha ao defender Martim numa publicação no *Jornal do Brasil* em 1961: “O vedetismo nunca viveu na Escola, e nunca o diretor permitiu as menores atividades amadorísticas.” (SANTANA, 2011, p. 348). Contudo, para muitos críticos, “Martim Gonçalves e sua escola serão confinados no imaginário baiano como o verdadeiro foco do estrelismo teatral. Sendo, pelos jornais, o ‘vedetismo’ a característica principal inclusive do próprio Martim Gonçalves.” (SANTANA, 2011, p. 446-447)

Eram muitas as tensões e disputas existentes na época e que hoje podem ser estudadas graças aos esforços de autores como Jussilene Santana (2011, 2009), Raimundo Matos de Leão (2006), Aninha Franco (1998), dentre outros, que se dedicaram a pesquisar e publicar sobre a história do teatro moderno na Bahia.

Atualmente já é notório que as relações entre as diferentes teorias e práticas do teatro não precisam se basear em oposições, sendo possível conviver na diversidade e assim compor um grande ecossistema. Nesse sentido, a contemporaneidade nos convida a desfazer as dicotomias e a experimentar misturas que, embora pareçam incompatíveis à primeira vista, podem resultar em formas não convencionais de comunicação.

Novos olhares são possíveis tanto para o passado quanto para o presente. Assim se estabelecem e se validam nas ciências humanas campos de estudo mais recentes, como a decolonialidade (QUIJANO, 2005), a história do tempo presente (AREND; MACEDO, 2009) e, especificamente, o Teatro de Revista Contemporâneo (MOTA, 2020).

Hermínia Miryam, a paixão de Eros é um exercício dramatúrgico contemporâneo que transcende as diferenças históricas por meio da ficcionalização de um romance impossível para expor ao público a necessidade de se conhecer a história do teatro brasileiro, tanto para valorização da



nossa cultura, quanto para a instrumentalização das lutas por novas formas de estudá-la, registrá-la e contá-la hoje.

Afinal, como visto, o que a vedete e Eros têm em comum é o desconhecimento das suas histórias por parte do grande público. Então que se abram novos pontos de vista sobre o esquete e que outras experimentações sejam possíveis.



**IMAGEM 5**

Liz Novais como Hermínia  
Miryam. Fotógrafa:  
Izabella Valverde, 2013



# A DRAMATURGIA: HERMÍNIA MIRYAM, A PAIXÃO DE EROS

*A luz revela o palco, e nele Hermínia Miryam, vedete da década de cinquenta. Vestida a caráter, segura um grande globo de espelhos. No cenário algumas cartas, uvas, espelho e colar. A luz atinge o globo e irradia pontos reflexos em todo o ambiente. Ela canta sua própria ouverture.*

**Canção 1: Vedete Certinha.**

*Autoria: Luis Reis e Haroldo Barbosa, 1961.*

**A vida da vedete toda noite se repete  
Bota a roupa, tira a roupa pra dançar  
A noite a vedete nunca para  
Pinta a cara, limpa a cara  
Mostra o riso pra agradar  
Acima da cintura busto justo e petulante  
Abaixo da cintura, escultura extravagante  
Amadas, cobiçadas pela eterna ilusão  
Quem vê perna não vê coração.  
Buscando seriedade uma vedete  
se não for a Miss Tanguete  
vai custar para subir  
A vida da vedete toda noite se repete  
Bota a roupa, tira a roupa,  
limpa a cara, pinta a cara  
mostra o riso e vai dormir.**



**Hermínia** – Década de 50. Que saudade daqueles Anos Dourados. O Rio de Janeiro fervilhava em alegria, boemia, teatro, música e carnaval. As mulatas balançavam seus balangandãs nos sambas e batucadas da praça Tiradentes e nós, as vedetes, fazíamos a alegria do público da Cidade Maravilhosa. Eu trabalhava no Teatro Recreio. Parecia um dia comum. Cenário luxuoso, palco encerado, refletores afinados e ingressos esgotados. Parecia um dia comum, mas não era.

*Canção 2: Eu sou a uva.*

*Autoria desconhecida. Fonte: documentário As Vedetes do Brasil (2003)*

**Eu sou a uva do Rio Grande  
Eu sou a uva muito gostosa  
Eu sou a uva de grande parreira  
Todos me chupam de qualquer maneira  
“Ai, como eu gosto de ser chupada”**

*Hermínia interage com o público.*

**Hermínia** – Na cena de plateia, um homem me tirou o ar. Um jovem sério de olhar experiente. Fiquei louca de uma paixão fulminante e instantânea. Quando saí do teatro ele me esperava no passeio. Eros Martim Gonçalves Pereira beijou minha mão e me chamou para sair. Eu não deveria, mas fui. Fui encantada por aqueles olhos decididos. Charlamos de automóvel por Copacabana e conversamos sob a luz da Lua. Fiquei embasbacada com tanta experiência. Ele cursou medicina, estudou pintura, cenografia, foi a Londres, Paris, ganhou prêmio, escrevia para dois jornais, etecetera e tal. Tão inteligente que, perto dele, eu me sentia uma pequena uva. Pequena, mas gostosa. O que ele tinha de inteligente, meu amor, eu tinha de mocotó.



**Canção 3: Beija-me.**

*Autoria: Mario Rossi e Roberto Martins, 1943.*

***Beija-me!  
Deixa o teu rosto  
Coladinho ao meu  
Beija-me!  
Eu dou a vida  
Pelo beijo teu  
Beija-me!  
Quero sentir o teu perfume  
Beija-me com todo o teu amor  
Senão eu morro de ciúme..***

**Hermínia** – Estávamos tão apaixonados que dormíamos juntos quase todas as noites no hotel Le Paris, ao som de Dalva de Oliveira ou dos sambas que vazavam da praça Tiradentes. Foi um sonho de donzela... que acabou com o telegrama do Reitor da Universidade da Bahia, o tal do Edgard Santos. Eros aqui já era malvisto pelos olhos conservadores, mas foi o desafio que o fez aceitar o convite e partir. Para mim restou um buquê de flores e um colar. “Para iluminar o seu torso, minha uva”. *(Ela coloca o colar)* A saudade aperta mais que o pior dos espartilhos.

**Música 4: Felicidade.**

*Autoria: Lupicínio Rodrigues, 1947.*

***Felicidade foi se embora  
E a saudade no meu peito ainda mora  
E é por isso que eu gosto lá de fora  
Porque sei que a falsidade não vigora***



*Hermínia pega a primeira carta enviada por Eros e lê.*

**Carta 1 –**

Salvador, 1955. Minha uva, a viagem foi tranquila e a recepção na Bahia foi boa. A parceria com Edgard será valiosa. Tenho a missão de implantar a primeira Escola Superior de Teatro em nível universitário da América Latina. Mas ainda estou conhecendo o terreno daqui. Já tenho saudades suas. Os encantos das moças de cá não chegam nem perto da sua beleza. Beijos do seu Eros.

*Hermínia pega a segunda carta e lê.*

**Carta 2 –**

1956. Salvador é uma província. Culpa dos poderosos conservadores que não permitem o progresso. Os jornais propagam os fatos e aleives do Brasil. No Diário de Notícias tenho espaço, já no *A Tarde* mal consigo notinhas. A rixa do *A Tarde* com Edgard fecha as portas para a Universidade. O pior nem é isso. Não tenho sequer um espaço fixo para iniciar as aulas. Cada dia é um novo e grande abacaxi. Falei com Edgard, vou visitar as universidades de teatro de outros países e quando eu voltar terei bons modelos para criar uma escola exemplar. Tenho saudades suas. Sonho com seus beijos de uva. Eros.

**Hermínia –**

Nos encontramos um ano depois no mesmo hotel. Naquela noite não ouvimos nada além de Dalva de Oliveira e nossos corpos. No dia seguinte ele partiu para os Estados Unidos e só passou por mim quatro meses depois, a caminho da Bahia. Dessa vez não houve noite. Só um rápido encontro na confeitaria Colombo. Fiquei meses sem notícias dele. Só me escreveu depois que a Escola de Teatro foi oficialmente criada.





### **Carta 3 –**

Dei a largada no teatro profissional na Bahia. Mesmo sem edifício próprio, houve bastante procura. Só não sei se os inscritos ficarão satisfeitos com o resultado. Para entrar na minha escola não importa se é branco, preto, engraxate ou filho de coronel. O que importa para mim é o talento, doa a quem doer. Eu quero o melhor. Trarei professores estrangeiros e até convenci Clarice Lispector a traduzir do japonês um texto dramático para nossa montagem. Vou transformar Salvador em um polo de produção respeitável. Eros.

### **Hermínia –**

Nada de saudade. Junto à carta ele me mandou um jornal sobre a abertura da escola com a foto de uma atriz, professora convidada por ele. Uma loura com cara de metida. Era estrangeira e deveria ser mais inteligente que eu. Eu é que nunca seria convidada para nada. Afinal, o que uma Vedete poderia ensinar na Universidade? A rebolar? Até hoje somos vistas como prostitutas pelos intelectuais metidos a gás com água. Fiquei enraivada com toda aquela história e passei a tentar esquecê-lo. Foquei nos palcos da Revista e caí nas graças do público. E enfim cheguei ao auge da fama.

*Canção 5: Sassaricando.*

*Autoria: Luís Antônio e Jota Júnior, 1952.*

***Sa-Sassaricando***  
***Todo mundo leva a vida no arame***  
***Sa-Sassaricando***  
***A viúva, o brotinho e a madame***  
***O velho na porta da Colombo***  
***É um assombro***  
***Sa-Sassaricando***



**Hermínia** – É, mas enquanto eu charlava com minha fama na Tiradentes, Eros vivia na boca da espera.

**Carta 4** – 1959. Tem coisas que eu só consigo no grito. Estou impaciente, é difícil lidar com gente de pensamento atrasado. Mas no meio da mediocridade, com esforço se consegue algumas coisas. Fiz uma parceria com a arquiteta Lina Bo Bardi, estamos desenvolvendo alguns projetos juntos. Alguns jornais se empenham em me desmoralizar, dizem que sou um tirano autocrata. Não entendem que a Escola ainda é muito jovem para caminhar sem minhas pernas. Nesses momentos eu te desejo ainda mais. E antes que pense coisas infortunas, a Lina Bo é apenas uma grande amiga. Você sempre será a minha única uva. Eros.

**Hermínia** – Meu Eros virou um pai superprotetor. Ele se sacrificou para criar e cuidar da Escola de Teatro, mas não entendia que, assim como um filho, uma hora a Escola cresceria e teria que caminhar com as suas próprias pernas.

**Carta 5** – 1961. O desentendimento com o aluno João Augusto já foi longe demais. O indivíduo saiu da Escola e agora criou um grupo independente chamado 'Teatro dos Novos'. Dizem que as peças que eles produzem têm muito do que ele aprendeu na Escola. Só que lá é ele quem manda. Tudo estaria bem se os jornais não fizessem questão de expor a opinião dele sobre mim. Cansei dessa perseguição. Assinei meu pedido de demissão. Saiba que, enquanto lê essas palavras, eu viajo permanentemente de volta ao Rio de Janeiro. Estou contando os segundos para te encontrar de novo. Eros.



*Canção 6: Bandeira Branca.*

*Autoria: Max Nunes e Laércio Alves, 1970.*

*Bandeira branca, amor  
Não posso mais  
Pela saudade*

*Que me invade  
Eu peço paz (bis)*

**Hermínia** – Quando o reencontrei ele me pareceu diferente. Ele estava feliz em me ver, mas não conseguia lidar com a frustração de ter deixado a Bahia antes de cumprir sua missão. Até pensei em trabalharmos juntos, mas nossas praias eram diferentes. Eros então foi trabalhar em São Paulo. Mas com o golpe de 64 tudo ficou ainda mais difícil, até trocar cartas era perigoso. E as cartas eram nosso elo. Perdemos contato. Depois de um tempo soube que ele viajou para a Alemanha e voltou para o Brasil no ano seguinte. Mas para mim ele não voltou mais. Morreu pouco tempo depois. Aos 54 anos.

*Canção 7: Estrela do Mar.*

*Autoria: Marino Pinto e Paulo Soledade, 1951.*

*Um pequenino grão de areia  
Que era um pobre sonhador  
Olhando o céu viu uma estrela  
E imaginou coisas de amor*

*Passaram anos, muitos anos  
Ela no céu e ele no mar  
Dizem que nunca o pobrezinho  
Pode com ela encontrar*



*Se houve ou se não houve  
Alguma coisa entre eles dois  
Ninguém soube até hoje explicar  
O que há de verdade  
É que depois, muito depois  
Apareceu a estrela do mar*

**Hermínia** – Eu nunca vi destruírem tão rápido a imagem de um homem como fizeram com Martim Gonçalves. Tentaram apagar os seus méritos, mas não conseguiram apagar seus feitos. Hoje já existem livros que revelam os estilhaços da história do meu Eros. Eu só não entendo por que Hermínia Miryam não está em nenhum livro, nem fotografia, nem manchete de jornal!

*Hermínia quebra o colar, as pérolas se espalham pelo salão escuro. A luz diminui. A atriz tira a pele e o adorno.*

**Hermínia** – Todos os fatos sobre a criação da Escola de Teatro da UFBA e sobre o Teatro de Revista no Brasil dos anos 50 são reais, mas eu não. Eu, Hermínia Miryam, nunca existi. Não faço parte da vida de Eros Martim Gonçalves. E se vocês conhecessem a história dele, saberiam os porquês. O nosso romance foi só uma desculpa. Sim. Um artifício dramático para que vocês ficassem até o final e conhecessem um pouco da história do seu próprio país.

*A luz cai aos poucos.*



*Canção 8: Para Dizer Adeus.*  
*Autoria: Edu Lobo e Torquato Neto, 1961(?)*

**Adeus**  
**Vou pra não voltar**  
**E onde quer que eu vá**  
**Sei que vou sozinho**  
**Tão sozinho amor**

---

## REFERÊNCIAS

---

- » ADICHIE, Chimamanda. *O perigo de uma história única*. Adaptação de palestra no TED Talk, São Paulo, Companhia das Letras, 2019.
- » AREND, Sílvia M. Fávero e MACEDO, Fábio. Sobre a História do Tempo Presente: entrevista com o historiador Henry Rousso. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 201-216, jan./jun, 2009.
- » AS VEDETES DO BRASIL. Direção: Dimas Oliveira Junior e Felipe Harazim. Produção: WeDo Comunicação. São Paulo: Rede STV SESC SENAC DE TELEVISÃO, 2003. Disponível em: <<https://youtu.be/0InhtAwIFRE>>. Acesso em: 15 nov. 2019.
- » FESTIVAL CURTA CENA DE TEATRO. *Resultado do III Festival* [...]. Disponível em: <<http://festivalcurtacenadeteatro.blogspot.com/2014/04/resultado-do-iii-festival-curtacena-de.html>>. Acesso em: 17 de nov de 2021
- » FRANCO, Aninha. *O Teatro na Bahia Através da Imprensa – Século XX*. Salvador: FCJA/COFIC/FCEBA, 1998.
- » FUNCEB, Fundação Cultural do Estado da Bahia. *Hermínia Miryam, a paixão de Eros (Salvador)*. Disponível em: <<http://www.fundacaocultural.ba.gov.br/veraocenico/espectaculos/herminia-miryam-a-paixao-de-eros.html>>. Acesso em: 17 nov. 2021.



- » GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas*: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2. Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- » GONZAGA, Paula Rita Bacellar. 3. “Ser lésbica negra é sempre procurar uma terceira saída [...]”. In: *“A gente é muito maior, a gente é um corpo coletivo”*: produções de si e de mundo a partir da ancestralidade, afetividade e intelectualidade de mulheres negras lésbicas e bissexuais. 2019. 347 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.
- » LEÃO, Raimundo Matos de. *Abertura para Outra Cena* – O Moderno Teatro da Bahia. Salvador: Fundação Gregório de Mattos/Edufba, 2006.
- » MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*: Dossiê: Literatura, língua e identidade, Niterói, n.34, p.287-324, 2008. Disponível em: <[www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf](http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf)>. Acesso em: ago. 2018.
- » MOTA, Jones Oliveira. *Teatro de Revista Contemporâneo*: história, ensino e reexistência. 2020. 330 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.
- » QUIJANO, A. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales: Clacso, 2005
- » SANTANA, Jussilene. *Martim Gonçalves*: uma escola de teatro contra a província. 2011. 776 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, 2011.
- » SANTANA, Jussilene. *Impressões modernas*: teatro e jornalismo na Bahia. Salvador: Vento Leste, 2009.
- » VENEZIANO, Neyde. O Teatro de Revista no Brasil: Dramaturgia e convenções. 2ª. edição. São Paulo: SESI-SP, 2013.
- » VENEZIANO, Neyde. O sistema vedete. In: *Repertório*, Salvador, n. 17, p. 58-70, 2011.
- » VENEZIANO, Neyde. *As grandes vedetes do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.
- » VENEZIANO, Neyde. *Não adianta chorar*: teatro de revista brasileiro... Oba!. Campinas, SP : Editora da UNICAMP, 1996.